

## **Financial Literacy and Nudge: The Role of Socioeconomic Status in Economic Decision-Making**

**ANTONIO CARLOS MERCER**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ - PUCPR

**ERIKA MIRIAN NOGAS**

**ANGELA CRISTIANE SANTOS POVOA**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ (PUCPR)

## **Introdução**

Este artigo aborda a interação entre alfabetização financeira, nudges (intervenções sutis para influenciar decisões) e status socioeconômico (SES) nas decisões econômicas. Baseando-se em teorias da economia comportamental, avalia como a eficácia dos nudges é mediada pela alfabetização financeira e pelo SES, considerando especialmente fatores como sobrecarga cognitiva e barreiras estruturais enfrentadas por indivíduos de baixa renda. O trabalho oferece uma perspectiva detalhada, sugerindo que a resposta aos nudges varia significativamente conforme características socioeconômicas individuais.

## **Problema de Pesquisa e Objetivo**

Embora os nudges sejam amplamente reconhecidos por melhorar decisões financeiras, permanece incerto se eles afetam uniformemente diferentes grupos socioeconômicos. A literatura existente é ambígua quanto ao papel moderador da alfabetização financeira combinada ao status socioeconômico nesse processo. Assim, o artigo tem por objetivo principal examinar como esses dois fatores específicos (SES e alfabetização financeira) interagem e influenciam a eficácia dos nudges comportamentais, propondo uma abordagem diferenciada e adaptada às características socioeconômicas individuais.

## **Fundamentação Teórica**

A fundamentação teórica combina elementos-chave da economia comportamental, incluindo teoria dos nudges (Thaler & Sunstein, 2008), alfabetização financeira (Lusardi & Mitchell, 2014), teoria da escassez cognitiva (Mullainathan & Shafir, 2013) e influência de normas culturais (Henrich & Muthukrishna, 2021). Argumenta que indivíduos de baixo SES, devido a limitações cognitivas e estruturais, beneficiam-se principalmente de nudges simplificados, enquanto indivíduos com alto SES, dada a maior alfabetização financeira e recursos cognitivos, respondem melhor a intervenções complexas e informativas.

## **Discussão**

O artigo discute como indivíduos de diferentes SES respondem distintamente aos nudges. Pessoas em situação econômica vulnerável, devido à escassez cognitiva e limitações estruturais, apresentam melhor resposta a nudges simples, como adesões automáticas a programas de poupança. Em contraste, indivíduos mais abastados, com alta alfabetização financeira, têm maior capacidade cognitiva e, portanto, beneficiam-se de nudges complexos e informativos, que exigem maior esforço e engajamento na tomada de decisão, ressaltando assim a necessidade de intervenções específicas.

## **Conclusão**

Conclui-se que intervenções comportamentais devem considerar SES e alfabetização financeira para serem eficazes. Propõe-se uma abordagem segmentada de nudges: intervenções simplificadas, automáticas e menos cognitivamente exigentes para indivíduos de baixo SES, enquanto intervenções mais complexas e informativas são recomendadas para indivíduos de SES elevado. Essa estratégia diferenciada garante maior impacto das intervenções, promovendo inclusão financeira e otimizando a eficácia das políticas públicas voltadas à melhoria do comportamento econômico das populações.

## **Contribuição / Impacto**

Este estudo oferece uma contribuição significativa ao desenvolver uma estrutura teórica inovadora e detalhada, que esclarece a interação específica entre alfabetização financeira, SES e nudges. Ao propor estratégias de intervenções comportamentais segmentadas e adaptadas às realidades socioeconômicas individuais, o artigo fornece ferramentas práticas para formuladores de políticas e educadores financeiros, gerando impacto direto na redução da desigualdade econômica e promovendo inclusão financeira efetiva e sustentável.

## **Referências Bibliográficas**

Thaler & Sunstein (2008); Lusardi & Mitchell (2014); Mullainathan & Shafir (2013); Henrich & Muthukrishna (2021); Benartzi et al. (2017); Madrian & Shea (2001); Hershfield et al. (2020); Hastings et al. (2023); Giné et al. (2022); Milkman et al. (2021); Dean et al. (2021); Sunstein et al. (2021); Mani et al. (2013); Bertrand et al. (2006); Kaiser & Menkhoff (2017).